

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira ás 11 horas da manhã; aos Srs. que, o mais tardar quatro horas depois, o não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar; para se providenciar.

Damos hoje meia folha de mais, que não será descontada aos Assignantes.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MANEIRA ADMIRAVEL DE CONVERTER AS MARGENS, E OS PROPRIOS LEITOS DOS REGATOS, E RIBEIRAS EM PRADOS E FERTEIS CAMPOS.

(Carta.)

2611 Vou referir-lhe Sr. Redactor o que observei em um passeio que fui dar á freguezia de Santa Catharina, conselho de Pedrogão Grande.

São aquelles sitios, bem como os d'este conselho da Certã, montanhosos, e cortados por muitas regatos, e ribeiras; sendo algumas d'estas consideraveis, como a de Pera, e outra. Ora é o costume d'este concelho da Certã, e d'outros por onde tenho transitado aproveitarem as margens d'estes regatos, e ribeiras para a agricultura em razão d'aqui acharem a agua precisa para as regas de verão, e lameiros de inverno: para este fim, com grandes despesas fazem de ambas as margens fortes paredes que seguram a terra, e os fructos, e obstam á entrada das aguas n'aquelles terrenos. Raro porém é o anno em que não haja para lamentar grandes perdas: as ribeiras sahindo fóra de seus limites galgam por cima d'essas paredes, e arrastando em sua arrebatada corrente terras, fructos, e pedras, mais, e mais augmentam seu volume, e força a ponto de ficar em muitos sitios rocha nua, o que de antes era formoso prado. — Para outros que não para mim seja o descrever a impressão que esta vista causa ao lavrador que com o suor amontoou aquellas pedras, e fez talvez vir de longe a terra que fazia instantes antes a sua riqueza, e de que actualmente não descobre vestigios!!!

Não fazem porém assim os inteligentes lavradores de Santa Catharina; intenderam que n'aquelles montes, e serras devia haver campos da Golegã, e do Nilo: e que as enchentes das ribeiras que a tantos lavradores arruinavam, os deviam a elles enriquecer. Isto pensado, mãos á obra; procuram os sitios aonde a ribeira fica mais apertada entre os dois montes, e arrancando dos dois lados ou trazendo de outra parte grossas pedras com ellas formam fortes, e atrevidos diques que suspendem a corrente das aguas, e as fazem subir a consideravel altura: as aguas assim reprimidas recuam, e cobrem ambas as margens, depositando por toda a parte, ainda que desigualmente a fertilisadora nata de que vem carregadas. Foi com bastante admiração que seguindo o leito d'uma d'estas ribeiras de repente a vi acabar em um formoso campo coberto de mui alto milho, sem que pelo meio, ou pelos lados se conhecesse algum vão, ou espaço para a corrente da ribeira: perguntando por esta disseram-me que de inverno todo aquelle campo era ribeira,

e de verão era bastante um pequeno rego. N'este terreno nunca se deita estrume; apesar d'isso em parte nenhuma vi milho melhor.

Apesar da muita grossura, e segurança precisa a estes diques, ainda os considero de inculcavel economia em comparação com o outro systema das paredes á borda da corrente. — Um dique de 30 palmos segundo o ordinario declive das ribeiras d'estes sitios faz recuar a agua 300 palmos; em todo este espaço a não ser o dique tinham de se fazer paredes de ambas as margens da ribeira, e por consequencia com o dique se economisam esses 600 palmos de parede, em fazer os quaes haveria muito maior despesa que em fazer o dique, por que como para elle se escolhe o sitio aonde os montes se apertam, seu comprimento não passará de ordinario de 60 a 100 palmos. Logo ha uma grande diminuição de despeza, e um augmento de terreno igual ao producto dos 300 palmos multiplicados pela largura da ribeira, e de ambas as paredes.

Lamentei porém que obras tão importantes fossem emprendidas, e feitas sem a direcção de alguma pessoa dotada de conhecimentos Hidraulicos, pois a isso attribuo não terem aquelles povos tirado toda a vantagem que deviam de sua tentativa, e terem algumas vezes o desgosto de verem inutilizados seus trabalhos pela má construcção de alguns d'estes diques.

Egual desgosto sofri eu na primeira tentativa que fiz, e que foi a primeira n'este concelho. Por duas vezes meu dique cedeu á extraordinaria enchente da ribeira Sardeiro, e ficou inutilizada toda a minha despeza. Não cedi porém eu, teimei, e ensinado pela experiencia o fiz de novo, e com melhor resultado; pois resistiu intacto aos dois rigorosos invernos de 1842, e 1843. Penso que já para o anno semeari a maior parte do leito da ribeira; e a nata depositada em suas margens tem sido tanta que n'esta ultima sementeira de milho já o arado em muitos sitios não chegou á terra antiga; a producção do milho nas terras que estiveram cobertas de agua foi optima.

Para melhor poder empreender mais algumas d'estas obras rogo a V. ou a algum de seus sabios colaboradores, ou assignantes se digne instruir-me, e ao publico com a solução das perguntas seguintes.

1.ª Um rio cujo leito é de 200 palmos em largura, e cuja corrente é d'um palmo em 50, obrigado hoje a perder, e largar metade de seu leito isto é 100 palmos, que elevação tomará n'esse sitio do aperto; isto é, suppondo que o rio tomaria em suas maiores enchentes, e correndo livremente por todo o leito a altura de 40 palmos, hoje que altura tomará no sitio do aperto?

2.ª Se em lugar de se lhe deixar metade do leito livre, e desembaraçado se construir tambem n'essa metade um açude de 20 palmos de altura por exemplo; que altura deve ter o muro, ou dique feito na outra metade para nunca ser galgado nas maiores enchentes da hypothese supra?

3.ª Qual a melhor fórma de açudes?

Consta-me que sobre o rio Alva se tem emprendido grandes obras d'esta natureza; não terá V. para aquelles sitios algum amigo ou collaborador que se digne dar d'essas obras alguma noticia ao publico!

Terei sido assaz extenso com minhas observações e perguntas; mas, Sr. Redactor, minha imaginação me fi-

gura vantagens tão consideraveis n'estes represamentos d'aguas turvas, que será provavel não seja esta a ultima vez que por meio do seu jornal procure tirar-me das duvidas que se me offerecerem.

Certã 18 de janeiro de 1844.

Um lavrador da Certã.

MINA DE CARVÃO.

(Carta.)

2612 PELOS principios de fevereiro de 1842, desembarcaram, vindos de Lisboa no vapor, n'esta villa o Sr. *Pezerat*, engenheiro, e o Sr. *Miquildes*, mineralógico, ambos empregados na *companhia das minas de carvão de pedra*, e, alugando duas cavalgadas a *Manuel Marquês Geada*, foram fazer a sua excursão aos montes, que ficam proximos á igreja de *S. João dos Montes*, servindo-lhes de guia o mesmo *Geada*, a quem disseram levasse uma enxada. Assim percorreram diversos sitios, mandando fazer n'elles excavações. Intendeu o nosso *Geada*, que os seus freguezes andavam á busca de barro negro; e como soubesse aonde o havia em muita abundancia, lhes disse: se os Srs. *querem bastante d'esse barro, bem sei eu, onde o ha*: — e os conduziu a uma cova, onde ha uma preza d'agua, que chamam a *Fonte dos Pintassilgos*. Alli fizeram as suas observações, marcando logo terreno para uma exploração; contentissimos com o descobrimento do conductor, a quem gratificaram com mão larga, e retiraram-se para Lisboa.

Em março seguinte, foram os directores da companhia das minas com o Sr. *Pezerat*, e mandaram logo abrir uma mina voltada ao nascente, na falda de um monte denominado a *Costa*, na margem do Têjo, juncto ás minas d'agua da fonte, terreno que pertence á quinta de *Roque Annes*, e que por ter dentro as minas d'agua, se chama *Quinta da Fonte*, propriedade d'este municipio, que está afforada ao Sr. *Couceiro*. Tinha esta mina 7 pés de altura e 10 de largura, e já contava 208 palmos de fundura, quando no dia 21 d'agosto foi inundada por um lençol d'agua, que lhe rebentou pela parte esquerda e juncto ao fundo; este contratempo fez, não só perder todo este trabalho á companhia, mas tambem secar as nascentes d'agua da unica fonte que esta villa possuia.

A companhia quiz ver, se por meio de bombas podia secar a mina, porém não foi possivel, e teve de abrir mão d'este trabalho, em que já andavam occupados 50 jornaleiros. Tractaram logo de fazer uma contra-mina, que fosse passar por debaixo da mina inundada, e conseguiu-se esgotar esta completamente; e a outra, continúa a lavar para as entranhas da terra, e já hoje conta 500 palmos, trabalho em que hoje só andam 15 homens. Devo dizer, que em todas estas excavações se teem encontrado alguns veios de carvão, e ultimamente se achou um banco d'elle, que já tinha 3 polegadas de grossura, alguns pedaços d'*antimonio*, e pedras ferruginosas, como a *hematite vermelha*, o *óxido negro*, e muito *lignite*. A companhia prosegue os seus trabalhos, não se poupando a esforços e despezas, que já montam a perto de 4:000\$000 réis.

Eis o estado, em que pára a julgada mina de carvão de pedra; eu serei prompto em relacionar segundo minhas forças e como devo, (com verdade)

os resultados que forem apparecendo, se porventura continuarem com esta empreza até darem com esse manancial de riquezas, que só por si poderia tornar esta villa afortunada.

No entanto já remetto esta noticia, para que se V. a julgar util a registe na sua *Revista*, ou para melhor dizer no seu *Archivo nacional das coisas uteis*.

Alhandra 11 de janeiro de 1844.

Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

SOBRE A IMPORTANCIA DA CULTURA DA SEDA E O MANUAL DO SR. TINELLI.

2613 TOMAMOS, e com grande satisfação, o seguinte excellente artigo da *Restauração* de 12 de janeiro:

« Tudo denota que entre nós se desinvolvem, ou pelo menos se lançam com ardor á fertil terra os germens de uma industria nova e esperançosa; industria que, se os calculos não falham, poderá n'um futuro mui proximo, enriquecer Portugal, substituindo por uma nova, facil e rica exportação a dos generos cujo mercado quotidianamente se limita: fallamos da *seda*, e antes de passar ávante, tribute-mos aqui os devidos encomios a todos os bons portuguezes, que teem tomado a peito a empreza d'esta crusada utilitaria, e com especialidade á *Revista Universal*, na imprensa periodica, ao Sr. *L. W. Tinelli*, entre os mais competentes apóstolos d'esta fé. »

« E nós tambem confiamos, em que o vasto desinvolvimento dado á criação do bicho da seda, poderá, n'este sólo abençoado, produzir uma salutar transformação. Ha na Italia, no sul da França, e em muitos outros pontos, vastas povoações, felizes e ricas que devem á seda toda a sua subsistencia e todos os seus commodos: é tempo de abraçarmos esse exemplo, submettendo-nos resignadamente a estas alterações de industria, que em todos os povos se succedem, pelo volver dos annos. »

« A seda é uma materia prima, de facilissima collocação, sobretudo sendo de boa qualidade: está no caso da boa lã ou do bom algodão, que tem em todas as praças um preço egual, e um consumo certo e rapido. Um dia virá talvez em que o valor enorme, de que a Europa é tributaria á America, só para algodão, fique todo nas terras meridionaes da mesma Europa, que emvez d'algodão darão seda. É sabido que esta materia é preferivel áquella, de baixo do ponto de vista da hygiene, da belleza, e do mimo; ora nada espantará que as tres quartas partes dos objectos que hoje se fabricam habitualmente com algodão, sejam fabricados com seda dentro em pouco. Mui longe não estamos nós do tempo da rainha Elisabeth de Inglaterra, de quem um historiador conta que tinha um par de meias de seda. Hoje não ha criada, por mais pobre, que não tenha essa riqueza de Elisabeth; e até em nossos dias temos sido testemunhas d'esse rapidissimo progresso no consumo da seda: ha vinte annos os nossos paes a usavam com parcimonia; por exemplo, os lenços eram frequentemente de algodão, e hoje ninguem se serve senão dos lenços de seda. Na Allemanha estão já muito em moda as camisas de seda de cor, como as de flanela, e provavelmente ainda em nossa vida veremos este uso commum. »

« Com isto queremos dizer, que esta industria, ver-

« dadeiramente nascida hontem, terá um desinvolvi-
 « mento espantoso, emquanto poucos são os torrões
 « verdadeiramente accomodados como o nosso pela
 « superior qualidade de seda; e que por consequen-
 « cia ella promette a Portugal um magnifico futu-
 « ro. Bem o previa o grande *Pombal*, quando dava
 « aos plantadores da amoreira extraordinarios privile-
 « gios. »

« E effectivamente não ha industria mais vantajosa.
 « Ella apresenta um producto de grande valor em pe-
 « queno volume; — dá emprego e applicação a meta-
 « tade da povoação que o não tem, pois as creanças
 « e as mulheres são as que melhor podem curar d'es-
 « tes trabalhos; — emfim requer limitadissimo espa-
 « ço, deixando toda a terra quasi para outras cul-
 « turas.

« A difficuldade que entre nós tem principalmen-
 « te obstado a que esta industria tome o possivel de-
 « senvolvimento é a do mercado. Em Lisboa mesmo,
 « mas mui principalmente nas provincias, os povos
 « não se dão á creação do bicho, pelo grande incom-
 « modo de acharem comprador ao casulo. Supponho
 « que o exm.^o sr. ministro dos negocios do reino,
 « sempre zeloso em tão importantes materias, tem
 « procurado os meios de evitar esta real difficuldade,
 « e pensa em proteger qualquer associação que, de-
 « baixo de razoaveis condições, se comprometta a
 « comprar toda a seda que do reino se lhe offerecer,
 « e a exportar annualmente ao menos uma dada quan-
 « tidade. Tambem ouvimos que os srs. contractadores
 « do tabaco escutaram com a maior deferencia uma
 « proposta tendente a este fim, e prometteram coad-
 « juvar o plano submettido, impondo só uma e hon-
 « rosissima condição, que d'elle se retiraria a parte
 « em que se lhes reservavam interesses, dando-se el-
 « les por mui satisfeitos com a gloria de darem pro-
 « tecção efficaz a um novo ramo d'industria. E na
 « verdade ninguem está nã sua posição; pois que po-
 « dem, pelos seus estanques em todo o reino, orde-
 « nar que seja comprada, com dinheiro á vista ou ge-
 « neros, toda e qualquer porção de casulo que se apre-
 « sentar, ordem que por si só bastará para dar á crea-
 « ção do bicho um impulso como nunca recebeu, sem
 « entretanto comprometter os interesses dos contracta-
 « dores, que podem, pelos preços que marcarem na
 « competente tabella dos estanques, segurar-se no
 « preço que convenha dar, e seja inferior ao que com
 « segurança possa alcançar-se. »

« Com este patriotico intuito nos consta que o go-
 « verno anda pretegendo abertamente a plantação de
 « amoreiras por toda a parte: diz-se que ha o proje-
 « cto de aformosear com estas arvores todas as praças
 « da capital que as consentirem. Com o mesmo fim se
 « tem mandado abater as paredes, muros e ruinas
 « contiguas á cerca do convento de S. Francisco da
 « Cidade, para dispor de um local assaz vasto, onde
 « serão talvez plantados quatrocentos ou quinhentos
 « pés d'amoreiras, o que facilitará a toda a popula-
 « ção pobre da vesinhança a creação, até agora im-
 « possivel, de uma certa quantidade de bicho. »

« Já se vê pois que, na actualidade, voltadas co-
 « mo estão as atenções para este ponto, de summo
 « interesse deve ser a publicação de um vademecum,
 « de um manual sobre a *arte de cultivar a seda*, es-
 « crito por homem abonado por longos e illustrados

« conhecimentos praticos. Esse é o presente que o Sr.
 « *Tinelli* acaba de fazer aos portuguezes, para quem
 « o seu livro é pedra preciosa, pequena em volume,
 « mas mui subida em valor. Compõe-se esta obra de
 « uma importante traducção, e de tres partes, nas
 « quaes se tracta miudamente — da cultura das amo-
 « reiras — da creação do bicho até á formação do ca-
 « sulo — da fiação da seda até que a manufacturam. »

SR. TINELLI.

2614 « O Sr. *Tinelli*, auctor do opusculo que re-
 « commendamos, é um homem activo e de boa fé que
 « tem durante quasi a sua vida concentrado a sua at-
 « tenção no desenvolvimento da industria da seda,
 « primeiramente na America do Norte, onde obteve
 « um vasto estabelecimento, e agora no Porto, onde
 « se prepara para dar ainda uma extensão maior a este
 « importante ramo de riqueza nacional, se lhe pro-
 « porcionarem, como pede, terreno proprio para a
 « amoreira, mediante razoaveis condições.

« A este cavalheiro, e mais que tudo ás quotidia-
 « nas suasorias de uma folha d'esta capital, á qual
 « nada é estranho do que póde contribuir para aug-
 « mentar as commodidades e felicidade dos nossos
 « concidadãos, a *Revista Universal Lisbonense*, se deve
 « principalmente a util e judiciosa *moda* de tractar
 « das amoreiras, e preparar as bases para o desin-
 « volvimento da preciosa industria da seda.

« Todavia este impulso não é só portuguez; em to-
 « a parte se está attendendo a este ramo, que dentro
 « em alguns annos terá tomado uma prodigiosa exten-
 « são, sendo para desejar que Portugal não marche
 « sempre na retaguarda, tendo, como tem, tão fertil
 « sólo para tal cultura, e tão apropriado que, segun-
 « do os entendidos, não haverá no mundo melhor seda
 « do que a fabricada com o casulo portuguez, desde
 « que bem se souber tractar da arvore e do bicho.

« Ha cincoenta annos, por exemplo, a idéa de
 « plantar amoreiras e de crear bichos de seda no cen-
 « tro da França passava ainda, aos olhos dos lavra-
 « dores e até dos economistas, por uma utopia: esses
 « sonhos de hontem são as realidades de hoje. Já n'es-
 « te mez teve logar em Pariz uma curiosa sessão da
 « sociedade sericicola, presidida pelo Sr. *Hericard de*
 « *Thury*, na qual se apresentaram, junctamente com
 « os modelos de diversos aparelhos recentemente in-
 « ventados, casulos do centro e até do norte da Fran-
 « ça, de Lille e de Metz ao lado dos de Drome e
 « do Gard. As sedas de *Senart*, fiadas no laboratorio
 « de fiação dos Campos Êlysios em Pariz, estavam
 « collocadas ao pé das sedas das Cevennes, e não
 « eram menos brilhantes, finas, nem bellas. O Sr.
 « *Durand de Ganges* tinha trazido alguns dos ingenho-
 « sos quadros que forçam os bichos a fiar os casulos
 « em todas as fórmulas que se quer. O secretario apre-
 « sentou n'esta sessão um importantissimo relatorio
 « dos trabalhos do anno, contendo um resumo com-
 « pleto, judicioso e instructivo de tudo quanto, no
 « anno de 1843, póde interessar a industria da seda.

« Se na França, e até nas suas mais septentrionaes
 « provincias, onde a amoreira é uma arvore melindro-
 « sa estão os lavradores applicando-se com tanta assidui-
 « dade e proveito a esta cultura, como a despresa-
 « remos nós para quem a natureza foi cem vezes mais
 « liberal!

« O titulo da sua obra é — *Arte de cultivar a seda* — ;
 « (*) vende-se no escriptorio da *Revista Universal*. »

AMOREIRAS.

2615 A INDOLENCIA da maior parte dos naturaes d'esta optima terra é quasi proverbial. Quem possui um sólo e um clima como este se não é riquissimo, é porque o não quer ser. Entre nós quasi que não valem suasórias; por mais que se pregue a bondade de qualquer coisa, não ha fazer prosélitos.

As fontes da riqueza publica estão exaustas. Não ha-de ser pelo commercio que nos havemos de enriquecer, porque não temos industria; e por mais que trabalhemos a nossa industria talvez nunca chegue a competir, pelo menos na quantidade, com a ingleza, alleman, e franceza. Mas resta ainda um terceiro caminho por onde possamos ir procurar fortuna: isto é pela agricultura, e temos fé viva em que ella nos ha-de salvar.

D'entre todas produções que a industria agricola nos póde offerecer, uma ha contudo, para a qual, segundo nós, devem-se applicar todas as attentões. Fallamos da seda.

Em muitissimos artigos temos tractado d'esta importantissima produção; levando ao conhecimento de todos desde a menor coisa até a maior para se dedicarem ao plantio da arvore que ha-de nutrir o bicho, á criação d'este, o modo de colher a seda etc. etc.

Se a maior parte dos nossos conterrâneos tem desdenhado esta fonte de riqueza publica, alguns ha que teem merecido, que d'elles hajamos feito menção no nosso jornal, registando n'elle o em que teem primado. O Sr. Antonio Pedro de Salles é um dos que mais teem concorrido para que esta industria se estabeleça entre nós. Muitas vezes tem elle procurado insinual-a nos animos de todos, já por annuncios nos jornaes de que merca toda a quantidade de casulo que appareça, — já offerecendo-se a preparal-os por conta dos seus donos: — já procurando estabelecer no Barreiro uma officina de criação do bicho: — já aviando encomendas, quer de bichos quer de arvores para sua criação, para diversas partes: — já promovendo a introdução e plantação das multicaules, etc., etc., etc.

No nosso artigo 2525 pediamos á camara municipal que lançasse olhos piedosos para o amoreiral situado na encosta que dá sobre a estrada do arco do *Carvalhão*; porém agora, sabemos que aquelle amoreiral pertence ao Sr. Manuel Joaquim Jorge, um dos proprietarios da fabrica das sedas: a este por consequencia se dirigem os nossos rogos: e á camara municipal instantemente requeremos por parte da fortuna publica, que faça vigiar as amoreiras plantadas no *Campo Grande*; *Largo do Leão*, *Calçada de Arroios*, *Penha de França* e *Campo de Sancta Anna*.

AMOREIRAS E MULTICAULES.

2616 Na *Revolução* de 24 de janeiro, lemos um longo annuncio provavelmente de pessoa que para promover a venda das suas amoreiras brancas, pretende deprimir as multicaules. É isto o que inculca o theor do annuncio. Mas como nós havemos pelo contrario

demonstrado a muita valia d'este arbusto, de cuja propagação temos que ha de resultar grande beneficio á industria sericicola, não podemos deixar de pedir ao auctor do referido annuncio, nos declare o sitio das suas experiencias, em que paiz é que as multicaules estão desacreditadas, e porquê, ou o seu nome para o areditarmos sob sua palavra ou lhe respondermos, ainda que nos parece poder asseverar que nenhum intendedor dará credito a tal annuncio.

Se nos não responder ficará desde logo a sua noticia tida por menos considerada.

ESTACAS DE MULTICAULES.

2617 SATISFAZEMOS á pergunta do nosso assignante — que deseja saber se as multicaules se propagam por semente, declarando para conhecimento dos a quem convier, que por estacas é que se faz a propagação d'este apreciavel arbusto, e que as estacas podem ir de Lisboa para qualquer parte do reino embarcadas ou por terra sem o minimo perigo, como sejam encomendadas ao Sr. Antonio Pedro de Sales, Lisboa rua das Flores n.º 37, o qual as acondiciona e encaixota por maneira que dadas depois á terra, nenhuma d'ellas vem a secar.

MEDICAÇÃO DO TRIGO PARA SEMEAR.

(Carta.)

2618 Sr. Redactor — Na *Revista Universal Lisbonense* artigo 2497, vi extraído da *Revista Encyclopedica* de Pariz o preparo do trigo para semear: não acho util, nem conveniente aquelle methodo, e pondere assim.

Os diferentes modos que se tem publicado — d'emersões para a sementeação do trigo apezar de sua conhecida utilidade, não tem sido seguidos pela grande impertinencia do processo; como então se hão-de suggerir os lavradores a estar lavando em tres aguas o trigo de meio em meio alqueire, como o dito artigo indica, receita mais fastidiosa que as anteriores? Tal methodo só será praticavel em pequenas porções para divertimento.

O trigo não póde, nem deve estar mais de 24 horas de mólho, mechendo-o, e esfregando-o á mão para lhe tirar o germen ruinoso, e as sementes fluctuantes, e inuteis, tudo o mais precipita-se com o trigo, pelo que o melhor é escolhel-o muito bem: depois d'isto tiral-o e espalhal-o no armazem mechendo-o com a pá outras 24 horas para enxambrar, e poder ser semeado com regularidade sem se pegar um ao outro, repetindo-se a mesma operação nas porções que hajam de se semear cada dia; mas caso sobre alguma pequena parte póde misturar-se com o da sementeação seguinte.

Se o trigo se conservar molhado mais das 24 horas, e sem se espalhar, succede-lhe grelar como nas searinhas dos presepios, e se se deixar mergulhado, (como diz a *Revista Encyclopedica* de Pariz) em 8 dias reduz-se ao estado do que se destina para fazer gomma, e perde-se.

O methodo que ultimamente tenho seguido, parece-me o melhor, mais facil, menos impertinente, e de bom resultado: é o seguinte:

Em uma, ou mais dornas deito a porção de trigo que pertendo semear, deito-a bem escolhida — lanço-lhe agua do mar, ou salmoira forte até o co-

(*) Preço 300 réis, e em papel superior 340 réis.

brir meio palmo mais — mecho-o, ou esfrego-o ás mãos muito bem para lhe destruir os germens nocivos, e extrair as sementes fluctuantes — lanço-lhe uma porção de cal, na razão d'uma quarta por 5 alqueires, e sendo virgem, metade: mecho-o muito bem, continuo a mecher varias vezes nas 24 horas, tiro-o depois da agua, e espalho-o no armazem outras 24 horas, mechendo-o com a pá para enxambrar e poder-se semear á vontade — no 3.º dia metto-o nos saccos, e mando-o para o campo.

As vantagens são — poupar mais da 4.ª parte da semente, que serve para comer, ou para a ajuda das despesas — nascer o trigo em 5 ou 6 dias com robustez — rarissimas vezes lhe apparece a molestia, e se vem é muito fraca, e como nasce depressa apodera-se do terreno primeiro que as sementes naturaes do terreno, e que são nocivas ao trigo.

A cal lançada logo que o trigo se retira da agua, póde damnifical-o, se algum embarço se mete de per meio que se não possa semear immediatamente, o que não acontece com o meu methodo, segundo o qual o trigo depois d'enxambrado póde estar o tempo que se quizer, tendo cuidado de o mecher, e tel-o espalhado, e depois de passar o inconveniente, póde lançar-se á terra sem receio. J. J. Ramalho.

VIRTUDE DA ALMOFEIRA.

(Carta.)

2619 TENDO publicado já uma vez no seu jornal o bom resultado de deitar de mólho em almofeira a semente do milho, que se quer semear em terra sujeita aos estragos do bicho que entre nós se chama *alfinete*; devo novamente declarar que este anno passado a receita mencionada produziu o mesmo effeito: não houve falha d'um só milheiro em terrenos aonde antes da experiencia poucos escapavam.

É porém de advertir que este insecto que entre nós se chama, e se parece (até na dureza) com um *alfinete*, e produz os maiores estragos no milho, não sae, nem é creado no grão que se semeia. Quando elle se deita á terra, já esse insecto lá existe, e em todo o tempo, e estações alli se encontra, e até apparece em terrenos aonde nunca se semeou o milho.

Dirá alguém, se no grão não está, nem se cria o insecto, de que lhe póde aproveitar o estar de mólho em almofeira? — responderei — que eu publico as experiencias, e os seus resultados, sem me jactar de saber explicar o modo como elles se operam. — Lembra-me contudo que algum máu sabor, ou desagradavel cheiro que a almofeira communique ao milho, e que d'este passe para o caule emquanto tenro, poderá nos primeiros dias de sua vegetação affugentar o insecto no unico tempo em que elle causa os seus estragos.

Os antigos attribuiam tanta virtude á almofeira que a guardavam, e algumas vezes se davam ao trabalho de a trasfegar de quinze em quinze dias por seis mezes, e até a chegavam a coser em caldeiras, e reduzir á terça parte; e d'ella, não só assim preparada, mas no seu estado natural como sae do lagar, e escorre das tulhas, se valiam para immensos usos, como estercar oliveiras; remediar suas doencas, e bem assim as d'outras arvores: preparar eiras, celeiros, e borrifar com ella os próprios grãos; tudo na supposição de que ella ou mata ou afugenta os animaes nocivos: para outros

muitos usos emfim que deixo de referir, para não ser mais extenso, e que quem quizer saber póde lér o cap. 5.º da memoria sobre a cultura das oliveiras do doctor João Antonio Dalla Bella. Citarei sómente dois passos dos antigos para mostrar que d'elles não era desconhecido o uso de deitar d'infusão em almofeira as sementes, e de se servirem d'ella como meio de affastar os animaes nocivos — Virg. Georg. 1. v. 193.

Semina vidi equidem multos medicare serentes

Et nitro prius, et nigra perfundere amurca.

Columella tib. 2.º cap. 9. — Alli. vel amurca insulsa, cum cepit infestari seges, perfundunt sulcos, et ita noxia animalia submovent.

Ha tambem n'estes sitios uma lagarta que se introduz na cana do milho, e lhe roe a medula, pelo que elle perece; esta passado tempo converte-se em chrisalida, d'onde sae uma borboleta feia e pesada, os ovos da qual certamente vão ser a origem das lagartinhas futuras.

Não sei, nem se conhece n'este concelho medicamento algum contra os estragos d'esta lagarta, que são bem consideraveis; se por alguém elle fór conhecido, roga-se-lhe a publicação

Um seu assignante, e lavrador da Certã.

DO SABÃO HYDRÓFUGO E SEU VERDADEIRO AUCTOR.

(Carta.)

2620 RECEBI a carta que V. me fez a honra de escrever-me acompanhada de um pedaço de *sabão hydró-fugo* inventado em Paris pelo Sr. *Menotti*, em que me pedia fizesse eu a analyse chimica d'este producto; o que me não foi possivel fazer logo como desejava, por cumprir com os desejos manifestados por V. em obsequio da publica utilidade. Agora porém remetto o resultado das minhas experiencias a este respeito.

Tendo empregado alguns reagentes nas diversas soluções que fiz d'este composto, achei que elle constava de sabão, alumen de potassa, e de uma substancia organica gelatinosa, o que logo me suggeriu a idéa de que o dito composto não era invenção do Sr. *Menotti*, pois que havia já 23 annos que tinha lido na obra das machinas e processos de Mr. *Christien* a composição de um liquido inventado pelo Sr. *J. B. Mons*, que tornava impenetraveis pela agua toda a casta de panno de lã, algodão, seda e papel.

Eis aqui o processo.

Dissolva-se ao fogo, mas sem deixar ferver, uma libra de sabão branco de boa qualidade em 56 litros de agua de chuva, ou de rio. Dissolvam-se do mesmo modo, e na mesma quantidade de agua, duas libras de pedra hume. Misturem-se n'esta solução tres onças de colla de Flandres dissolvida em sufficiente quantidade de agua, e junte-se depois a esta dissolução a do sabão. Passem-se devagar, e bem estendidos os pannos por este liquido quente, mas que não ferva, quando estiverem perfeitamente repassados, suspendam-se por uma das extremidades, e deixem-se escorrer, depois tornar-se-ha a dar-lhes o lustre pelos meios conhecidos.

Para toda a casta de panno de linho e algodão.

Dissolvam-se do mesmo modo acima dito, 6 onças de sabão em 12 litros de agua de chuva, ou de rio, e em outra egual quantidade de agua 12 onças de pedra hume; porém em vez de misturar as duas solu-

ções, conservem-se separadas, e quando se quiser metter n'ellas o panno, por-se-hão quasi em ebulição, e passar-se-ha o panno, primeiramente na solução de sabão, depois na de pedra hume.

Para toda a casta de papeis.

Dissolvam duas onças de sabão branco da melhor qualidade em 12 litros de agua, e deixe-se ferver por espaço de meio quarto de hora. Dissolvam-se egualmente em 12 litros de agua 12 onças de pedra hume, e juntem-se-lhe 4 onças de colla de Flandres, e 1 onça de gomma arabia, dissolvidas primeiramente ambas em uma sufficiente quantidade de agua, junte-se esta mistura com a agua de sabão, e molhe-se o papel no mixto tendo aquecido primeiro este ligeiramente. Para fazer seccar o papel, é necessario pôr primeiramente as folhas umas sobre as outras, e carregal-as com um peso de 200 libras postas sobre a taboa que cobrir a pilha de papel. Passados alguns dias, estendem-se as folhas sobre as cordas.

Outro processo.

Mr. *Christien* tambem nos deu o processo de Mr. *Beyerman*, de Paris, para conseguir o mesmo fim: consiste este em fazer dissolver 4 onças de bom sabão branco em 12 litros de agua de chuva fervendo; dissolve-se tambem em outros 12 litros de agua um terço de libra de pedra hume; cada uma d'estas dissoluções leva-se a 70°R; n'este estado fazem-se passar os estofos de lã uma e outra vez n'agua de sabão, e depois na de pedra hume sem interrupção, e secam-se ao ar.

Para os tecidos de algodão, é necessario o dobro dos ingredientes na mesma quantidade de agua.

Para os de linho, e para o papel o triplo.

Para a seda o quadruplo.

A' vista do que fica exposto, repito que o sabão hydrofugo não é invenção de Mr. *Menotti*, o que elle fez foi sómente evaporar o liquido d'esta composição até á consistencia de sabão, o que é de mais facil applicação para o uso commercial de que a sua primitiva composição.

Sou de V. etc.

Antonio José de Sousa Pinto,
Pharmaceutico n'esta côrte.

SABÃO HYDROFUGO.

(Carta.)

2621 PODENDO inferir-se da leitura do artigo n.º 2564 — Sabão hydrofugo — inserto na *Revista Universal Lisbonense* n.º 22, que o Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra ainda não deu conta do resultado da analyse d'aquelle composto, que lhe foi commettida: appresso-me a participar a V. pedindo-lhe que declare no seu mui interessante e acreditado jornal que ainda não recebi quantidade alguma do mesmo sabão, nem tão pouco convite para proceder á sua analyse. Sendo assim, eu disporia do pouco tempo que me resta das muitas obrigações, a que estou ligado, a fim de contribuir quanto da minha parte estivesse, para o conhecimento das substancias, que formam um composto de tanta utilidade.

De V. etc.

Manuel Martins Bandeira.

Director do Laboratorio Chimico.

Coimbra 24 de janeiro de 1844.

Acabamos de remetter ao sabio director de chimica

da Universidade de Coimbra segunda porção do hydrofugo para o logar da estraviada; e anciosos ficamos esperando o resultado da sua analyse.

ILLUMINAÇÃO DA CIDADE.

2622 CONSTA-NOS que as camaras municipaes de Lisboa e do Porto vão contractar com uma companhia ingleza, a illuminação por gaz, d'estas cidades, para vinte annos.

Amigos e propugnadores de todos os melhoramentos moraes e materiaes de que necessitamos, congratular-nos-hiamos com esta innovação, que ha muito tempo se deseja e se tem requerido, se porventura a não houvessemos hoje por inopportuna e até ruinosa para a fazenda municipal, sobretudo sendo o contracto pelo referido prazo.

Quando se estão fazendo os maiores esforços de que são capazes a sciencia e a industria, para alcançarem meio de illuminação que não tenha os inconvenientes e perigos do systema actual, é altamente inconsiderado fazer semelhante contracto, e então por tão longo tempo. Hoje o mais prudente é aguardar o resultado d'essas multiplicadas experiencias, que de certo não pôde estar longe.

O gaz hydrogeneo carbonado foi applicado á illuminação publica, não só por ser a sua luz mui brilhante, mas tambem pela abundancia da materia de que se extrahê, isto é, do carvão de pedra. As nações que primeiro o usaram foram as que, como a Inglaterra e a França, não teem outros combustiveis baratos, proprios para esta illuminação. As vantagens que o gaz de carvão de pedra leva ao antigo systema de illuminação, tem feito com que se não attenda aos inconvenientes, aliás mui sérios, que elle traz consigo. Além d'isso o espirito de especulação que se apossou d'este invento, embora haja arruinado os primeiros empreendedores, como succede quasi sempre, o elevou a um dos ramos mais importantes da industria, e tem creado interesses mui poderosos que hoje combatem vigorosamente toda a innovação que pretenda substituil-o. Entretanto se se tem conseguido demorar a extincção d'este gaz, não ha evital-a. De toda a parte se requer coisa melhor, e todos estão inteiramente convencidos de que se ha-de alcançar.

O gaz hydrogeneo extrahido do carvão mineral produz fumo e cheiro desagradavel; embacia e ennegrece os doirados e as pinturas; e é causa permanente de andarem sempre revoltas as calçadas; dá origem a frequentes explosões acompanhadas de incendio, de ferimentos, de asphixias, e muitas vezes tambem de mortes.

Uma cidade allumiada por gaz, n'um instante pôde ficar ás escuras em se lhe desarranjando o laboratorio ou algum dos conductores principaes; e tambem n'alguma revolução popular, em que os sublevados podem cortar a communicação com o laboratorio. Além d'isto, é mister metter debaixo da terra grossos cabedaes para estender a immensa arvore de tubos necessaria para a distribuição do gaz; e este capital perde-se em poucos annos por causa da ruina que assim padecem os materiaes. Todos estes inconvenientes tem o actual systema, e por isso se estão fazendo grandes estudos e repetidas tentativas para substituir o gaz por outro processo de illuminação menos perigoso, mais simples e economico.

Mr. Gudín obteve uma luz a que chamou *siderale*, (e que nós já vimos), por meio d'uma dupla corrente de gaz hydrogêneo e oxigêneo projectado em uma proporção certa contra um pedaço de cal viva, que dá uma luz fortissima, e mui semelhante á do *fogo branco de Bengala*. Este descobrimento porém não foi ávante por duas razões: primeira por sair muito caro, segunda pelo grande perigo de explosão que ha na combinação d'estes dois gases.

Mr. Selligüe procurou na decomposição da agua sobre um carvão em brasa o gaz hydrogêneo, e obteve luz mediante uma adicção de oleo bituminoso. Este gaz é mais puro e brilhante do que o que se extrae do carvão de pedra. As cidades de Dijon e de Strasbourg em França; e os suburbios de Batygnolles, de Montmartre e da Chapelle, nas immedições de Paris, são illuminados por este gaz; porém não tem sido adoptado geralmente por ser mais caro que o de hydrogêneo carbonado, e tambem por conter grande porção de oxido de carbono que é um veneno mui subtil e violento, tornando-se por este lado muito perigoso o seu uso no interior das habitações.

Os melhores bairros de Napoles são allumiados por um gaz extraído de substancias animaes. Este tambem é preferivel ao do carvão de pedra e tem de mais a mais a vantagem de para elle se aproveitarem materias que não teem outro prestimo.

Tem-se egualmente feito muito bom gaz da resina e dos oleos bituminosos; mas todos estes methodos de illuminação, mais ou menos, teem um defeito capital. É ser necessario estabelecer-lhes grandes laboratorios, com os quaes communiquem todos os aparelhos que servem para a illuminação publica e particular de qualquer cidade. Esta condicção indispensavel torna mui limitada a illuminação feita por este processo, e o seu desenvolvimento muito vagaroso e difficil, ou por melhor dizer, só a podem sustentar os bairros populosos, ricos e commerciaes das grandes cidades. Por exemplo em Paris ha vinte e cinco annos que se introduziu o gaz, e apesar da sua immensa população e riqueza, apenas meia cidade quando muito é que hoje se allumia com gaz: é verdade que todos os annos se vae estendendo a algumas ruas mais, porém a uma grande parte d'ella nunca chegará, por que os bairros distantes do coração da cidade não são bastante povoados, nem sufficientemente abastados para lhe darem o consummo correspondente ás despesas do estabelecimento dos conductores e mais aparelhos necessarios para esta illuminação.

O mesmo succede em todas as demais cidades ricas e populosas da França, taes como Lyon, Bordeaux, Rouen, Nantes, Strasbourg, etc. etc. cujos bairros principaes são os unicos illuminados por gaz; nos outros subsiste o antigo systema.

A' vista d'isto, como será possivel realisar em Portugal o que em França se não tem podido alcançar com tão favoraveis circumstancias? Fôra grande imponderação acreditar-o, quanto mais querel-o experimentar.

Depois deve-se attender que a illuminação publica não basta para cobrir a despeza do estabelecimento dos depositos e conductores; é mister tambem que os particulares adoptem o uso do gaz, para assim se lhe dar a extracção necessaria. Em Paris, por septe mil lumes publicos, ha mais de septenta mil para diferentes

casas, lojas etc., quer dizer, que os particulares estão na proporção de dez para um dos publicos. Em Londres e nas outras cidades acontece o mesmo. E em Lisboa será possivel isto? Os nossos habitos e outras circumstancias especiaes em que por ora nos achámos respondem que não.

Quasi todos os estabelecimentos, officinas, e lojas se fecham ás ave marias: não precisam de luz; e cada um em sua casa ha-de preferir sempre o azeite, que é um producto nacional mui abundante e innocente. Por tanto o gaz só terá consumo na illuminação da cidade, ou n'algum estabelecimento rico.

A' vista d'estas ponderações duvidámos muito de que semelhante empreza possa ir ávante. Mas parece-nos estar já ouvindo dizer aos precipitados: « Que nos importa ser a empreza ruinosa ou lucrativa? « Tenhâmos nós uma boa illuminação, e deixar lá a « perda ou ganho dos especuladores. »

Não discorrem bem; porque bem sabido é que muitas vezes se larga por mão o que se tinha emprehendido, depois de estarem arruinados, homens menos instruidos, ou com demasiada confiança em suppostos lucros; porque invariavelmente o fim de qualquer empreza, é tirar proveito, maior ou menor, proximo ou remoto, mas em fim um lucro seguro. Ora esta em que fallámos, fica demonstrado, não só que é impossivel dar interesse mas que infalivelmente ha-de dar perda, e por consequencia acabar-se logo.

Podemos orçar exactamente a despeza necessaria para o estabelecimento do gaz n'uma cidade tão vasta como esta nossa Lisboa; — sabe-se tambem qual é a somma que a camara municipal pode empregar na illuminação; — não é difficil calcular o numero de lumes que serão pedidos pelos estabelecimentos publicos, e para casas particulares; e por isso estamos habilitados para affirmar peremptoriamente, que tal projecto é inexequivel, por insustentavel; e que embora se tentem quantas emprezas assim forem tão mal calculadas, não preencherão nunca o fim que desejâmos, nem podem vingar.

Mas ainda suppondo que taes difficuldades não existissem, ninguem nos convencerá de que seja propria a occasião para tal novidade. Não pôde tardar o tempo em que se ache uma luz da natureza da do gaz, com aparelhos sobre si para cada lume, e portateis, em que se evitem os inconvenientes gravissimos da officina, do gazometro e dos seus canos. Já vamos em caminho para este importante resultado.

Em Paris vimos nós um systema de illuminação de *hydrocarbureto*, isto é, de oleos, ou essencias bituminosas e resinosas da invenção de Busson e Rouen.

Por este systema os oleos ou essencias ardem no estado de vapor e dão uma luz assaz brilhante. Todavia este systema ainda está muito defeituoso; e não é por ora applicavel; mas os defeitos que hoje tohem o usar d'elle, hão-de desaparecer, e outros fabricantes mais habeis saberão aproveitar melhor aquelle principio.

Falla-se tambem muito de uma luz galvanica, da qual se fizeram em Paris experiencias, e que nos asseveram estar servindo em Inglaterra n'algumas officinas. Sabemos emfim que se acaba de inventar um pequeno aparelho applicavel a toda a casta de candieiros d'azeite. Com este aparelho mudam-se inteiramente

ramente as condições da combustão, e obtem-se uma luz tres vezes mais intensa, e tão pura e branca como a do gaz, mas sem augmento de despeza. Esta invenção fôra preferivel a todas as outras, porque a despeza dos apparatus seria minima, a substituição immediata e completa, e o que é ainda mais attendivel, continuaria a usar-se do azeite.

De todas estas considerações resulta, nos parece, que nunca se deveu ter tão pouca pressa como agora em dar preferencia decisiva a systema algum de iluminação.

Os trabalhos chamados gazeificadores, para o estabelecimento do gaz, e os aperfeiçoamentos d'este ou d'aquelle dos systemas que deixamos apontados, nos fariam arrependêr do prematuro da nossa precipitada determinação. Não se deixem as nossas camaras municipaes allucinar, com projectos mais ou menos seductores; as mudanças nem sempre são progressos, antes muitas vezes os progressos com ellas se retardam.

Esperamos portanto que os homens intelligentes e probos a quem as cidades teem commettido a sua administração, receberão todas as propostas que a tal respeito se lhes façam, mas quanto á escolha d'ellas se deixarão ficar n'uma prudente spectativa, porque muitas vezes o interesse publico não passa de capa com que os especuladores encobrem o seu interesse particular.

O. C.

APERFEIÇOAMENTO PORTUGUEZ NA FUNDIÇÃO E GRAVURA DOS TYPOS.

2623 O SR. Alexandrino José das Neves acaba de nos preñar com varios aperfeiçoamentos da sua arte, entre outros o da fundição de tres letras de um só jacto. Aperfeioou a fundição ordinaria dos typos, consistindo a mudança na *matrix*, que ordinariamente é de cobre, e que foi substituida, por uma composição de metal brando mas muito maliavel e menos fuzivel que o metal commum dos typos. Tirou da sua idéa todo o proveito imaginavel; pois que em vez de se servir de *punção* de aço, usa dos mesmos typos, que fazem muito bem as vezes de *punção*, e por meio de um aparelho, que inventou, consegue gravar com elles no metal, resultando disto uma *matrix* sem ajuda de *punção*, vantagem esta, que não é pequena, para os que sabemos quanto é trabalhoso gravar em aço, e quão subidamente se paga ao artista que o executa. D'esta fórma todas as qualidades de letras, emblemas, ornatos etc., etc., se fundem com a maior perfeição e esmero.

Apparecem typos inglezes ou francezes; queremos tel-os eguaes; forçosamente haviamos de comprar por exorbitante preço o jogo completo de *punções* ou de *matrizes*, ou abril-as cá mas com muita demora e custo: disso nos dispensa o invento do Sr. Neves, obtendo os typos de fóra, d'elles nos servimos em vez de *punção*: nova esta de que elles não ficarão muito contentes.

Não paráram aqui os inventos do Sr. Neves, pois que reunindo tres *matrizes* em um molde, consegue como dissemos fundir, de um só jacto, tres letras, sahindo estas bem acabadas. O molde, em que se fundem os tres typos, é muito semelhante aos outros, mas os aperfeiçoamentos que lhe fez o mesmo Sr., o tornam muito mais complicado.

Não foi na verdade o Sr. Alexandrino o primeiro que fundiu muitas letras de um jacto: os francezes o tinham feito já, mas se não foi o primeiro em invental-o e pratical-o, ninguem negará que foi o primeiro no bom exito da empreza, pois que os francezes largaram tal methodo por inconveniente, e o Sr. Neves tem fabricado para mais de 50 arrobas de letra, pelo novo methodo, de que os typographos usam já. — Muito sentimos que o segredo do artista e a nossa inhabilidade para taes coisas nos védem o alargarmo-nos. Porém antes de finalizar direi uma palavra sobre o Sr. Neves, para que saiba o reino e o mundo, que tambem nós temos artistas e que podem rivalisar com os de fóra. — Desde a infancia se dedicou este Sr. á gravura das *punções*, foi a Inglaterra aperfeioar-se nesta difficilima arte, sahindo perfeitissimo, não só nisto, mas tambem na gravura em metal e madeira, do que existem muitas e delicadas provas. Sendo director da imprensa nacional alli ensinou as verdadeiras regras da sua arte, fazendo consideraveis melhorias, taes como construir as primeiras fornalhas de ar que alli se viram, extrahir o regolo de antimonio que se tirou em grande quantidade da mina do Porto no sitio de Valongo: era substancia que vinha de Inglaterra por mãos cheias de oiro.

Poz em fim tudo n'aquelle estabellimento na melhor ordem deixando muitos jogos de diferentes *punções* que hoje ainda servem. Para que façamos uma idéa da pericia do Sr. Neves, um dos dois unicos artistas que ha em Portugal d'este ramo, basta dizer-se que só elle por falta de artistas especiaes, tem executado obras que em Inglaterra são encarregadas a tres classes d'elles.

João Augusto Amaral Frazão.

REMEDIO CONTRA A TÊNIA.

2624 O SR. J. J. de Carvalho, propõe o seguinte: — Casca de raiz de romeira — duas onças. — de pecegueiro — uma onça. — Agua commum — libra e meia. — Ferva-se até ficarem uma libra, cõe-se, e junte-se: — Rhuibarho em pó — uma onça. — Xarope de senne — uma onça. — Toma-se por tres vezes, com o intervallo de quatro a cinco horas de dóse em dóse. O oleo de ricino facilitará a final a expulsão da ténia.

Gazeta Medica do Porto.

CURA DA SOLITARIA.

(Carta).

2625 EXISTE em uma aldéa perto de Barcellos um cirurgião, que em duas ou tres horas cura perfeitamente os doentes que tem solitaria. Custa-me a acreditar que d'este cirurgião não tenham fallado os jornaes, se é como se diz, tão desconhecido dos medicos o remedio que elle applica; e como raros periodicos leio, não sei se é minha a culpa de não haver lido nada a esse respeito, se é da incuria dos jornalistas. É aquelle cirurgião tão acanhado que me não espanta o evitar elle ser conhecido, mas creio que aquelles que d'elle tem recebido o grande beneficio da saude, deviam pregoal-o. Podia elle fazer uma grande fortuna, que já bons meios tem tido para isso pelas ricas pessoas a quem tem curado, e por aquellas a quem continuará a livrar d'uma inimiga tão voraz; mas é demasiado modesto, e por mais que inste aquelle que se vê resgatado d'uma molestia que sup-

punha incuravel, não recebe mais de 2 até 4 pintos; isto sendo pessoa de haveres, que aos pobres (honra lhe seja) não aceita nada, e o mesmo succede se quem o chama se acha não ter a solitaria (o que elle logo conhece) ainda que mui rico e generoso seja, e que elle tenha transitado muitas leguas. A sua maior recompensa parece ser a satisfação de livrar os que padecem: bem poucas gentes o imitam. Eu conheço alguém a quem elle deu a saúde, e pôde-se dizer a vida; mas não o conheço a elle, nem sequer lhe sei o nome; o que procedê de desleixo da minha parte, tendo-me contentado do nome que geralmente se lhe dá, de *cirurgião da solitaria*.

Uma obscura Portuense.

PASTILHAS VERMITUGAS DE SANTONINA, POR CALLOUD,

2626 Santonina em pó — uma onça. — Gomma alcatira — meia oitava. — F. S. A. 144 pastilhas. — Cada pastilha contém meio grão de santonina. Dá-se ás creanças na dóse de 5 a 9 grãos por dia. — Xarope de cal. — Cal viva — 5 gram. Agua — 125 — Xarope simp. — 125 — Extingue-se a cal, dilue-se em agua o leite de cal d'ahi resultante, e deita-se no xarope a ferver. Passados alguns momentos filtra-se n'um logar quente, e ajunta-se: — xarope de assucar q. s. para perfazer 1:000 grammos de xarope de cal. (*Journ. de Pharm. et de Chim.*)

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS E ASCARI- DAS.

2627 O Sr. *Pitschaft* propõe o seguinte: — Pó de semen-contra e extracto d'absinthio oitava. — Mist. e forme massa homogenia, e divida em pilulas de 4 grãos, que serão envoltas em pó de carbonato de magnesia. O doente tomará quatro pilulas de duas em duas horas. Se não for possível dar pilulas ao doente, dar-se-lhe-ha uma infusão de semen-contra, e chepodio do Mexico. Depois do uso do vermifugo, convem purgar com um cathartico oleoso.

TRATAMENTO DO TRISMO NOS RECEM-NAS- CIDOS PELO SR. PITSCHAFT.

2628 No caso de trismo com convulsões, em menino de mama, sendo normaes as evacuações alvinas, o Sr. *Pitschaft* emprega a mistura seguinte: — Hydro-lato de flores de laranja 60 gram. — Sabão de Veneza 1 gram. — Carbonato de magnesia 1 gram. — Almiscar escolhido — 5 centig. — Xarope d'amendoas — 8 gram. — M. S. A. — Dá-se uma colher de sopa ou de caffè de hora em hora, segundo a idade.

POMADA CONTRA AS GRETAS DOS PEITOS PELO SR. AUDONARD.

2629 oleo recente de cravo. 6 p. — Mucil. de gom. alcatira 4. — Ceroto rosado 64. — Mist. exactamente triturado em almofariz de marmore, e junte: — Liopodio — 4 p. — Tinct. alcoolico de gom. kino 4. — Mist. novamente, e guarde para uso.

AGUAS MINERAES D'ESTE REINO.

(Carta.)

2630 TENDO lido com summa satisfação os artigos n.º 2326 — 2358, e 2596, da sua interessante *Revista*, da noticia, e prodigios da agua de S. João do

Dezerto em Aljustrel — districto de Béja; tenho tambem de lhe dar a satisfatoria noticia de que n'estas aguas já foi remetida uma porção pela secretaria do reino, ao antigo e mui distincto pharmaceutico d'esta cidade o Sr. *Antonio José de Sousa Pinto* vogal do conselho de saúde publica do reino, para por elle serem analysadas.

O nosso paiz é extremamente abundante d'aguas mineraes de todas as especies, e infelizmente a maior parte d'ellas são desconhecidas, por não terem sido competentemente analysadas; e a não ser a noticia d'algumas, que devemos aos esforços do nosso benemerito compatriota o Sr. *Francisco Tavares*, mais ignoradas seriam. O governo de 1821 ordenou se procedesse á analyse das aguas mineraes de todo o reino, e se não fosse a queda d'aquella fórma de governo em 1823, nós ha muito teriamos um inteiro conhecimento de todas as aguas mineraes do reino: e se este trabalho se tivesse feito, muito interesse deixaria ao paiz, pois é para lamentar as grandes despesas que estamos todos os annos fazendo com aguas de *Pymont*, de *Guilneau*, e *Selts etc. etc.*, quando as temos melhores (como posso provar) no nosso paiz.

Com tudo resta-nos a lisongeira esperanza, de que um dia o governo, incumbirá esta tarefa á patriótica e sabia Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que tão dignamente se desempenhará d'esta missão, como se está desempenhando da analyse das 12 que em consequencia da lei de 21 de julho, e portaria do ministerio do reino de 3 outubro de 1839 foi incumbida d'analysar, e que já se acham quasi todas publicadas no seu jornal; pois só ella com o auxilio do governo, pôde satisfazer a tão difficilosa empreza.

Lazaro Joaquim de Souza Pereira.

N. B. O objecto da carta supra por si se está commendando. O zêlo, que sabemos ter mostrado o Sr. Ministro do Reino, n'este e semelhantes assumptos, deixa-nos esperar que cedo teremos a statistica chimico-medica de todas as nossas aguas mineraes.

DA ORAÇÃO DO CHRISTÃO.

2631 *Velae e orae, para não cahirdes em tentação*, nos diz o divino Mestre. Mas em que consiste a oração do discipulo de Jesus Christo? As supplicas, que dirigimos ao altissimo são ellas, por ventura, análogas áquellas que costumamos dirigir aos grandes e poderosos da terra? Para respondermos a esta importantissima pergunta, consideremos se os fins que nos propomos n'estas supplicas são os mesmos d'aquellas orações.

Tres são os motivos porque o homem necessitado de soccorro dirige as suas supplicas áquelles por quem espera ou deseja ser soccorrido. O primeiro é para lhes lembrar a necessidade em que se acha do seu auxilio: o segundo para o fim de excitar a sua compaixão; e o terceiro para interessar o seu amor proprio, mediante este expresso reconhecimento da dependencia em que o supplicante está da sua benevolencia.

Verifica-se, por acaso, alguma d'estas tres razões nas supplicas que o christão inspirado pelo Espirito Sancto, e confiado nos merecimentos de Jesus Christo, dirige aos pés do throno de Deos Padre? Seria impiedade sómente o imaginalo: proferil-o, seria horrivel blasphemia: seria confundir a pureza da devoção christã com o torpe servilismo das superstições pagãs.

Não seria só impiedade, seria absurdo dizer que as nossas orações teem por fim fazer conhecer ao omnisciente as nossas precisões.

Dizer que nos propomos nas nossas orações despertar a misericordia de um Deos infinitamente bom, não seria só uma absurda blasphemia; seria uma monstruosa ingratição.

A presumpção d'aquelle que fosse assaz insensato para imaginar que a infinita grandeza do Creador do céu e da terra se

ufanaria de o ver a elle, desprezível verme, rendendo homenagem á Divindade, seria o cumulo do orgulho e da estupidez.

Se pois Deus omnisciente não ha mistér que lhe lembremos nossas precisões; se por sua infinita bondade não carece que á força de rogativas excitemos a sua beneficencia; se, em fim, na sua grandeza infinita, nossos cultos nada pódem accrescentar á sua gloria; porque razão, com que fim nos ordena elle, não só que *velêmos*, mas que *oremos*? Elle mesmo nol-o diz, quando accrescenta que *é para não cahirmos em tentação*.

Não é elle que precisa de que nós oremos, somos nós que precisamos de orar, se queremos fugir ao perigo, aliás inevitavel, de cahirmos em tentação.

Mas como é que a oração nos preserva desse perigo? perguntareis vós. Prehendendo a unica condição que o Senhor no momento de dar o ser aos nossos primeiros paes lhes impoz, se elles queriam viver eternamente na lei da Graça: não comer do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal, que na sublime phrase das S gradas Escripturas, é o emblema da soberba e do orgulho. Esqueceram-se nossos paes do preceito do Senhor; disseram: *Nós tambem seremos deoses*; e este pensamento de fa al soberba os fez a elles e a nós, sua progeie, passar da lei da vida immortal, á lei da morte.

Que remedio pois nos dá para repararmos tamanho mal o divino mestre, que desceu do céu á terra para nos libertar da escravidão do peccado? *Orar*. Mas *orar é adorar* o Todo-Poderoso: é prostrar-se com humildade na presença do Senhor, que antes de tudo e mais que tudo nos recommendou que velassemos para não cahirmos no peccado da soberba.

Orar é adorar a sua infinita bondade que, sem mérito algum anterior da nossa parte, nos concede com as primeiras luzes da razão e logo depois com as da revelação, os thesouros das suas graças, sem outra condição mais do que o de sermos submissos e humildes, reconhecendo a nossa indefinida dependencia da sua infinita misericordia.

Orar é adorar a sua indefectível justiça, que se pune os nossos delictos é para corrigir e emendar a nossa perversidade: eom tanto que na presença dos golpes com que a sua mão paternal procura chamar-nos ao caminho da virtude, reconheçamos contritos nossas faltas, e submissos nos resignemos nos decretos da sua incessante e paternal providencia.

Assim; humilhar-nos na presença da infinita Grandeza do Senhor: reconhecermos agradecidos a sua infinita Bondade e a nossa illimitada dependencia: submettermo-nos contritos e resignados aos imperscrutaveis decretos da sua eterna Justiça e da sua vigilante Providencia: eis-aqui o em que consiste a Oração do Christão: — na linguagem d'esta sublime doutrina *orar é adorar* são expressões synonymas.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

N. B. Sem embargo de darmos este numero accrescentado com meia folha, não nos coube n'elle a nossa promettida analyse ao artigo, que, para documento da nossa lealdade no debate, acabamos de estampar inteiro. Fica reservada para outro numero.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

INVERNO SEM CHUVA.

3 DE FEVEREIRO DE 1536.

2632 Por coisa mui rara, attentas as boas condições do clima de Portugal, pelo que já lhe chamou o nosso Vieira — canteirinho da Europa — apontam as chronicas, que todo o outono de 1535 e o inverno até o terceiro dia do mez de fevereiro do anno seguinte, não caíu nem uma lagrima de chuva em ponto algum do reino; pelo que andavam todos pasmados, e receosos mormente de que similhante novidade lhes tolhesse as que a terra cria n'estas sazões, pela não poderem amanhar com a rizeza de tal seccura.

N'estes apertos não ha senão appellar para a Providencia. *Te rogamus, audi nos* — clamavam todos os

dias milhões de vozes de corações catholicos e fieis nas preces publicas, nas promessas e rogações particulares.

E de feito os ouviu Deus que nunca faltou aos que o invocam. Amanheceu um dia (o que indicámos no titulo) mui carregado de grossas nuvens. Aquelle céu coberto (como se costuma dizer) era um céu aberto para os lavradores. Rompeu logo a chuva copiosamente; e um dia d'agua do céu, bastou para matar a sede de tantos mezes que padecêra a terra.

Montes e valles pagaram com espantosa prodigalidade os seus naturaes tributos; e o anno de esteril, segundo se temia, saín fertilissimo.

De proposito trazemos aqui esta memoria, que porventura poderá affugentar os receios de que muitos estão tomados, á vista da, em verdade extraordinaria e maligna seccura d'este inverno, que parece querer vencer a dos annos de 1535 e 1536. *A. da Silva Tullio.*

A seguinte ode dedicada por seu auctor ao muito digno prelado de Aveiro, o Exm.^o Sr. D. Antonio de Sancto Elidio, foi-nos offerecida para a inserirmos n'esta folha: de boa mente o fazemos.

Bingre, o vate do Vouga, já octogenario, pôde ainda improvisar isto no dia de S. Pedro do anno passado; e *Bingre* é o ultimo representante que ainda ahi ha da alegre sociedade e poetica eschola d'Elmano. Estes versos, quando outro merecimento lhes faltasse, seriam considerados com o interesse que nunca deixa de inspirar a columna, que permanece em pé no meio das ruinas de um bello edificio, e de cujo capitel, revestido de musgo, sae um canto de ave, que no meio da solidão aviva e poetisa ainda mais as saudades do que passou.

A GRANDE BARCA DA ROMANA EGREJA.

ODE.

2633 QUE immensos repellões não tem soffrido

A grande barca da romana egreja

Sobre revéssos mares

Ha tempos combatida

Por negros furacões desenfreados!

Com que trabalho o seu arraes afouto,

Amarrado ao timão, regido o leme

Não tem prudente e sabio

Pelo direito rumo

Que Pedro lhe ensinou, que dictou Christo!..

Seus valentes irmãos, socios remeiros,

Com os remos em punho, segurado

A barca teem na róta,

No marulho das vagas

Salvando de naufragio o baixel sancto.

Açoitado de horriveis tempestades

Por entre os escarcéos do mar cavado,

Ora encara as estrellas,

Ora os abysmos roça;

Porém sempre co'a agulha ao fixo norte,

Pela prôa lhe saltam mil corsarios,

Barberescos piratas, que pertendem

Ganhar-lhe o barlavento,

Famintos d'abordagens,

Nunca fartos de sangue e de rapinas!..

Porém o sabio Palinuro sancto,

Com seus destros, robustos remadores

Aligeirosos fogem
 Dos barbaros chavécos
 Com cem remos rasgando as salsas ondas.

No porto do sagrado Vaticano
 Com a amarra da fé vão ancorar-se.

Alli sempre liberta
 Das horrendas procellas,
 Ha de a barca de Pedro estar a salvo.

Pouco importa que os euros desavindos
 Vomitem contra ella accesos raios;

Sobranceira ao rebombo
 Das nuvens estalantes
 Ella voga nos pincaros das vagas.

Se a arca de Noé nadou intacta
 Sobre as mais altas serras do Universo,

Afogadas nas aguas,
 Como ha de soçobrar-se
 O divino baixel da Galiléa?

Se a fabulosa náó, Argos chamada,
 Que Tiphis sem temor levou a Colchos

Do vélo d'ouro ao roubo
 Mer'ceu do paganismo
 Collocal-a por astro entre as estrellas,

Quanto não deve a verdadeira barca
 De que é supremo arraes do Eterno o Filho,

Livrar-se das borrasças,
 E perfidos corsarios,
 Se ha de eterna fulgir no excelso empyreo?..

Ah! de balde intentais, impios descritos,
 Fazel-a naufragar no pégo horrendo

Das vossas pestilencias,
 Tenazes combatendo-a!..
 Perseguida será, mas não vencida.

Quando no seu convez juiz inteiro
 O estandarte da cruz erguer na dextra

Para julgar o mundo,
 E á esquerda mão ficardes,
 Conhecereis então seu grande chefe!..

Qual vossa confusão será em vendo
 Embarcados com elle os da direita

Na magestosa barca
 Para o porto da gloria,
 Ficando vós no lodo submergidos!!!

29 de junho de 1843.—Francisco Joaquim Bingre.

O REI DOS FLORISTAS.

(Carta.)

2634 Todo o portuguez que lesse na *Revista Universal* o artigo 2539 intitulado — *o rei dos floristas* — desejará sem dúvida saber se aquelle famoso artista, que está causando assombro na capital das artes, é na realidade, ou não portuguez. Como V. é um dos que mais apreciam a gloria nacional não tenho duvida em que admittirá estas linhas escriptas por um patricio d'aquelle, que foi obter uma corôa de gloria das mãos de quem mais competentemente lh'a podia dar.

Saiba-se pois que o *rei dos floristas* é portuguez e natural d'esta villa de Moncorvo, nasceu pelos fins do anno de 1804, chama-se *Constantino José*, é filho natural de boa familia por ambos seus progenitores; logo que nasceu foi conduzido a uma aldêa proxima

d'esta villa (o *Larinho*) e depois remettido d'ahi para a villa d'Alfandega da Fé para casa d'um tendeiro chamado Antonio José Candido, onde foi criado e passou os primeiros annos da infancia; regressou depois para a sua patria servindo de paquete em algumas casas, notando-se-lhe já então a propensão que tinha para imitar as flores; por quanto havendo em uma das familias a quem serviu, quem as fizesse, elle aproveitava todo o tempo que lhe sobrava de suas obrigações para estar vendo, e até para ajudar a fazel-as; e a final já tambem elle organisava o seu ramallete, e tanto que ainda n'esta villa se conservam flores por elle feitas.

Sua tendencia, e propensão para imitar as produções da natureza não só flores, mas fructos, etc, já então se manifestava, pois que fazia em cera pomos, que se não eram já um assombro, eram muito perfeitos por serem de um simples curioso, a quem faltavam todos os recursos, e instrumentos proprios. Era o genio das artes que o estava instigando a progredir por um caminho, que o havia de levar á immortalidade!

Finalmente pelos annos de 1819, ou 20, determinou assentar praça, o que poz em execução e serviu voluntariamente no batalhão 5.º de caçadores, no qual foi para as ilhas dos Açores em 1823, onde me dizem casára; tendo baixa do serviço tornou-se a florista por maneira que, (segundo me tinha asseverado pessoa competente algumas semanas antes de vermos o artigo a seu respeito) já elle era affamado pela sua bella prenda, de fórma que já alli tinham muita extracção as suas flores, e tanto que chegou a remette-las para Inglaterra, onde me disse lhe davam bastante estimação, maxime ás de pennas. Não posso asseverar se o meu amigo me disse que Constantino acompanhára as suas flores a Inglaterra, mas creio que sim; e um d'estes dias me disse outro sугeito que em 1829, ou 30 o encontrára em Lisboa já com alguns cabedades provenientes da sua prenda, e desde então não houve por aqui mais noticias d'elle, se não as que vem no citado artigo em correspondencia de Pariz ao *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*.

Eis-aqui, Sr. Redactor, o que eu sei e posso informar a respeito do que foi ser proclamado em Pariz — *rei dos floristas* — e sou com toda a consideração.

De V. etc.

Moncorvo 13 de janeiro de 1844.

Francisco Antonio Carneiro de Magalhães e Vasconcellos.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

2635 *Diario de 19 de janeiro*. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 20. — Portaria a todas as alfandegas do reino, mandando que o merlim e talegarça, ainda que misturada com linho e algodão, pague por entrada o arratel cento e vinte rs. e por saída um real. — Venda de bens nacionaes. Rendimento das alfandegas de Lisboa Porto e Septe-Casas em dezembro ultimo — 343:2235947.

Dicto de 22. — Portaria do thesouro mandando amortisar os bilhetes emittidos pelo decreto de 14 de outubro de 1842.

Dicto de 23. — Ordens de armada.

Dicto de 26. — Portaria pedindo esclarecimentos para que se execute inteiramente o decreto que mandá estabelecer cemiterios publicos em todo o reino. Outra approvando os melhoramentos que propõe a commissão administrativa da Casa-Pia de Lisboa.

Dicto de 27. — Cédencia feita pela serenissima sr.^a infanta D. Isabel Maria de 3:000\$000 réis da sua dotação para as urgencias do estado.

Dicto de 29. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 30. — Portaria ácerca do modo de agasalhar os emigrados politicos castelhanos, no districto de Bragança.

RASGO DE CHARIDADE EVANGELICA.

2636 «A alma charidosa, que hoje me mandou entregar no Banco um pequeno embrulho fechado á maneira de carta com este letreiro: *anonymo para os pobresinhos de Sancto Antonio dos Capuchos*, sem conler o meu nome nem mais coisa alguma, pôde ficar na certeza — que dentro encontrei uma nota de dez moedas (48\$000) a qual de prompto creditei aos ditos pobres, e do que farei menção no meu primeiro relatorio ácerca dos mesmos. Porém intendi que me devia dar pressa em fazer esta publicação para descanço do bemfeitor que esta generosa esmola lhes mandou, pois que podia na realidade deixar de chegar á minha mão, o que só teve logar depois de passar por mãos de criados (nem eu vi o portador) nos quaes nem sempre se encontra fidelidade. Lisboa, 9 de janeiro de 1844.
— Ignacio José Dias de Carvalho.

SINA DE ENGEITADOS.

TEMEROSO AVISO A MÃES.

(Carta.)

2637 HA QUASI um animo, lamentava eu (art. 1328 da *Revista*) um triste successo occorrido n'esta villa, de ter um porco devorado uma creança: hoje, noticia a V. outro identico acontecimento passado n'um dos dias da semana ultima, em que outro porco, comeu uma orelha, e parte da face a um desgraçado engeitadinho (note-se que tambem o outro era engeitado).

Estava este confiado a uma mulher, cujo habitual desalinho, havia muito devêra ter mostrado á camara municipal, quanto ella era indigna de se lhe confiar a criação d'outros entes, que não fossem da especie d'aquelle, que promiscuamente com a familia, engordava em casa, para a seu tempo devorar um innocentinho, que a sua sorte adversa constituíra membro d'essa mesma familia. N'aquel'outra occasião, já eu censurei, que tendo este municipio excellentes posturas sobre a criação de taes animaes, tão esquecidas andassem, que se permittisse a sua livre divagação; que, alem das malfetorias (como as que ficam apontadas) que tal abuso consigo traz, é altamente repugnante em qualquer povoação, que queira parecer policiada. Esta observação foi infelizmente infructuosa, e por isso, hoje registamos mais uma desgraça: mas como n'isto vae involvido o bem da humanidade, supplicâmos de novo, e não só a esta mas a todas as municipalidades em que houver equal desleixo, olhem para este importante objecto: se não tiverem posturas efficazes, façam-n'as, que para isso lhes dá a lei poderes; mas prohiba-se severamente, a criação de tão damninhos animaes dentro das cazas, assim como a sua divagação pelos povoados; se o deixarem de fazer, ficarão responsaveis perante Deus, e os homens, pelas desgraças a que seu desleixo dêr aso.

Egualmente pedimos com instancia ás mesmas camaras, que por bem dos numerosos infelizes confiados a seus cuidados, e por seu mesmo credito; empreguem a mais escrupulosa attenção na escolha das mulheres a quem confiam a vida das innocentes victimas do cri-

me paterno, porque doe o coração, vel-os entregues a mulheres, que sobre fazel-os definhar na miseria, e fome, e despresal-os nas doenças, os exponham, por criminosa incuria, a ser devoradas pelas feras.
Sou etc.

Torres Novas 22 de janeiro 1844.

C. J. Xavier Cordeiro.

ASSASSINIO HORROROSO.

2638 COPIAMOS do *Imparcial*, periodico da *Madeira* o seguinte:

«Somos informados que no dia 26 de dezembro ultimo pelas 8 horas da noite no sitio da Lombada de St.^o Antonio, freguezta de Sanct'Anna, foi assassinado João Marques Caldeira, por seis homens que metendo-lhe á força a porta dentro, se dirigiram á propria cama onde se achava com sua mulher e uma creança, lhe crivaram todo o peito de punhaladas e por fim lhe cortaram as guélas.

A esta scena acudiram o pae e duas irmãs da victima, os quaes foram tambem accommettidos, e se retiraram gritando por soccorro.

As auctoridades teem procedido aos actos de investigação e de corpo de delicto; ja se acham presos como cúmplices Domingos de Freitas Laranja, Silvestre de Freitas Garulha, e os outros tres dizem ser de camisa lavada.

Os tres presos foram visitados pelo Sr. vigario.

Já nos veem buscar á cama; a época vae para tudo. . . .»

MAIS HORROR.

2639 UM viuvo por nome Manuel Brilhante, irmão d'aquelle celebre Brilhante de Villa Nova de Gaya, que ainda ha poucos dias occupou a imprensa periodica, pelo seu feito, nunca feito, do casamento com fundos improvisados, acaba de dar tambem celebridade a seu nome, mas d'uma maneira horrivel. A mais velha de suas filhas, que ainda não completou 6 annos de idade, foi estuprada por seu infame pae. Acha-se elle por isso preso na cadeia de Villa Nova, e a infeliz victima da sua brutal lascivia, no hospital da Misericordia d'esta cidade, em perigo de vida!

Cosmopolita de 22.

CULTO DIVINO.

2640 TEM já fama de serem as mais solemnes e bem ordenadas festividades que se fazem nas egrejas d'esta cidade, as que celebra a nobilissima irmandade que, do extincto convento dos Paulistas, se foi estabelecer, ha poucos annos, no convento das Francezinhãs. Domingo 28, por occasião de restabelecer uma antiga capella e devoção do Senhor dos Passos, fez esta piedosa confraria uma festa mui solemne, de missa com bello instrumental, sermão e Te Deum, tudo mui bem dirigido e esplendido. S. Tullio.

ELOGIO FUNEBRE.

2641 ASSISTIMOS, quarta-feira 24, á sessão com que a illustre Sociedade dos Advogados solemnizou o anniversario do fallecimento de um de seus fundadores e socios mais distinctos, o advogado do commercio, e nosso amigo o Sr. Luiz Duprat. O panegyrico d'este cidadão, tão virtuoso como sabio, excellentes filho, excellent' marido, excellentes pae, e excellentes

amigo, foi feito e recitado pelo secretario perpetuo da mesma Sociedade, o Sr. *Antonio Joaquim da Silva Abranches*. A divida, em que a sciencia e as lettras patrias ficaram empenhadas para com o Sr. *Duprat*, era grande, mas, quanto era possivel ser paga, foi-o alli pela affectuosa eloquencia do orador. Recommendamos a leitura do seu escripto já hoje impresso na *Gazeta dos Tribunaes* de 27 de janeiro. Ainda despojado do tom e calor, com que seu auctor o aviventou na declamação, é um trêcho, que não póde deixar de ser acolhido com interesse.

RACHEL CHORANDO.

2642 APRESSAMO-NOS de reproduzir, a fim de o tornar mais publico, o seguinte annuncio estampado em alguns periodicos da capital:

« *D. Rufina de Araujo*, viuva, residente em *Bordeos*, deseja ardentemente receber alguma noticia de suas duas filhas e de seu filho, que estão em Portugal; e pede (por charidade) que o annuncie n'este periodico quem quizer, e poder dar a esta desconsolada mãe noticias de seus filhos. — Uma das filhas da annunciante foi casada com o general *Charlot*. »

Todas as pessoas, que saibam, por experiencia, ou rastream pelo discurso, o que é ser mãe, apressar-se-hão sem duvida em acudir a esta com a esmola de uma simples palavra de salvação, se a tiverem para lh'a dar: esmola, que já d'aqui, em nome d'ella e da humanidade, lhe agradecemos.

UMA APOPLEXIA A TEMPO.

2643 A 14 do corrente na cadeia da relação do Porto caiu fulminado d'uma apoplexia um réo, já condemnado ao patibulo por haver assassinado a sua sógra. Tinha por alcunha o *Judas*.

TENEBROSA LUCTA SOB O TECTO DA HOSPITALIDADE.

2644 EM a noite de 12 para 13 o Sr. *Cunha*, morador ao Poço-Novo, sente reboliço no quarto de um criado; acode lá, — bate: — não lhe abrem: — chama a patrulha; — arromba-se a porta. N'aquelle quarto costumava ir pernoitar um gallego, criado, que tambem por muitos annos fôra do Sr. *Cunha*, mas que já se havia despedido da casa para se tornar para sua terra com o fructo pecuniario da sua economia: agasalho que o seu collega lhe outorgava de boa mente. — « N'esta noite porém, o hospedeiro lembrou-se — como diz o *Patriota* — de que não devia deixar sair de Portugal o dinheiro, que já cá era tão raro, e, para atalhar com a morte a projectada transmigração, se atirou ao pobre hospedado. A lucta dos dois, fazendo-se ouvir pelo patrão, denunciou o crime; e ambos foram levados presos pela patrulha.

RENASCIMENTO DE FESTAS ANTIGAS.

2645 — Escrevem de Guimarães que este anno, vespera de Reis, andaram os estudantes na fórma de antigos costumes dando os reis pelas portas dos seus amigos, com musica vocal e instrumental: ajuntaram cento e onze aves de penna, fôra carne de porco, de que fizeram um grande jantar no dia 10, que teve lo-

gar na quinta do Mattos, proxima da villa, e a que foram convidados os seus amigos; reinou a melhor ordem e socêgo.

P. dos P. no Porto.

JUSTIÇA FRUSTRADA.

(Carta.)

2646 HAVENDO lido na interessantissima *Revista Universal* n.º 4 paginas 46 a violencia brutal que empregou um padeiro de Vallongo com uma pobre moçinha de 14 annos, que já ha muito não tem mãe, e cujo pae, misero e mesquinho, existe longe, casado com segunda mulher, e esteve na ignorancia da desgraça da filha muito mais tempo do que V. ; e vendo que V. exprimiu o desejo de saber o castigo que teria o criminoso, peguei da penna para dizer-lhe que por em quanto não padece elle outro castigo que o de vagamundear, pois que sendo acoçado em Vallongo, se refugiou no districto da Maya, onde foi tambem procurado pela justiça administrativa á qual se evadiu por traça da mulher que o soube subtrair a todas as pesquisas: em breve desamparou elle, por se ver perseguido, o novo estabelecimento que no dicto conselho, aldêa de Pedras-rubras, havia formado; deixando (ao que dizem) bastantes dividas alli, e não se sabe hoje onde se acoita. *Uma obscura Portuense.*

PHENOMENO FUNEBRE ESPANTOSO.

2647 EM caza do Sr. tenente coronel Antonio de Azevedo de Souza e Mello, na cidade do Porto, vivia um sobrinho seu, natural do Maranhão, de idade de 30 annos e medico; por quem seu tio era tratado de uma forte asthma que padecia. A 28 de dezembro, chegada a hora do almoço, vão ao quarto chamal-o, dão com elle defuncto, estirado no pavimento.

Accode a familia; o Sr. Mello, fulminado por aquelle spectaculo horroroso e imprevisito, cae n'uma tão violenta suffocação de asthma, que immediatamente fica negro como uma estatua de carvão.

Tres medicos dos mais peritos concorreram, chamados para salv-o: — todos tres confessaram, não terem jámais presenciado tão horrendo caso. Tiraram-lhe uma canada de sangue: ao outro dia parecia um pouco alliviado, mas ao terceiro todas as esperanças de vida eram já perdidas.

ESCANDALO JUDICIAL.

2648 Diz-se que em uma das comarcas visinha á de Braga acaba de se presenciar o facto seguinte. Um preso accusado d'uma traiçoeira morte na pessoa d'um pintor, fôra pelo jurado condemnado: o juiz de direito porém annullou a decisão, declarando-a, contra as provas da accusação, iniqua!! Novo jurado confirma a decisão do primeiro, o preso é duas vezes declarado auctor da morte, o juiz de direito porém segunda vez annulla a decisão, e mandando chamar jurados da sua feição, com elles instaura terceira discussão, e com elles absolve e manda pôr em liberdade um assassino!!! Que faria o ministerio publico! era uma figura muda no meio de tantas iniquidades! não denunciemos o nome do juiz ou do delegado; não, que a penna nos cae com vergonha!

(*P. dos P. no Porto.*)

MACRÓBIAS.

2649 DUAS nos menciona o *Periodico dos Pobres no Porto*, no seu numero de 16 de janeiro, ambas da freguezia de Cedofeita. A 8 de dezembro do anno findo morreu Maria Joanna, viuva de idade de 102 annos; e a 29 do mesmo mez Miquelina, preta, solteira natural de Moçambique com 101 annos.

A SENHORA DUQUEZA DE BRAGANÇA.

2650 SABE-SE que Sua Magestade Imperial, a Viuva do LIBERTADOR, depois de ter passado o verão, e outono na caza de campo de sua Augusta Mãe, se tornou com a princesa *Amelia* para *Munich*. A saude de ambas estas senhoras foi apenas interrompida á entrada do inverno por um ataque de gripe.

S. M. I. continúa a ser a mestra incançavel de sua filha, e o seu brilhante exemplo de todas as virtudes. — De *Munich* voltarão ambas no proximo verão para o seu bello, e querido Portugal.

Na doirada hora da sua chegada muitas saudades acabarão de parte a parte, desfeitas em alegria: muita caza indigente d'esta capital, que via a sua providencia em uma das senhoras mais justamente respeitadas d'este seculo, aguarda com impaciencia esse dia em que a mão benefica, e formosa por quem suspira, venha restituir o pão á sua mesa, accender o lume na sua cosinha, e enxugar as lagrimas de seus filhos.

Nós sabemos que a lista das familias a quem Sua Magestade accudia com todo o necessario, era copiosa: a sua beneficencia se estendeu sempre a toda a virtude, ou a todo o infeliz, sem querer nunca saber, se era o acaso, a injustiça dos homens, ou a opinião, que haviam produsido o desvalimento. Nem podia deixar de ser: depois da perda de um semelhante Esposo nada fica para embelesar a vida, senão amal-o na sua descendencia, e, com os olhos no céu, consolar em seu nome os infelizes, mormente aos nascidos na mesma terra que a elle lhe dera o berço. De ambos estes prazeres nunca pessoa alguma se gosou tanto, como a Senhora Duqueza de Bragança.

PAGAR O JUSTO PELOS PECCADORES.

2651 N'UM descampado das cercanias de Braga vivia no seu moinho, solitario, o moleiro Antonio Pereira sem mais companhia que a de sua mulher e um macho em que levava os taleigos da moenda a seus freguezes. O desamparo da vivenda expunha-a ao de que a sua pobreza parecia dever preserval-a; e não havia muito que ella fora accommetida por ladrões e saqueada.

Na noite de tres para quatro d'este mez uma quadrilha pretendeu assaltal-a novamente, mas Pereira, precatado já contra semelhantes ousadias, defende-se: e trocados alguns tiros de parte a parte, consegue dar rebate a alguns visinhos de longe e tempo de lhe accudirem. Ainda d'esta vez o seu macho que era o seu maior thesoiro escapou de ir trabalhar em caval-laria de bandidos.

Na seguinte noite a horas mortas quando no moinho, nada velava, senão as mós, sente a mulher empurrar a porta; atemorizada desperta o marido, este, leva da arma que tinha juncto á cama, corre á fresta do moinho, olha, enxerga pelo escuro á sua porta um vulto que se lhe figura o de um já seu conhecido por

ladrão; aponta, despára, dá com elle em terra. Vendo que ninguem mais veio com elle, sae a reconhecê-lo: — o supposto salteador era um pobre homem, forneiro, seu freguez e amigo, que vinha buscar a sua moenda para amassar ainda de noite e ter pão cozido para a seguinte manhã. Cheio de remorsos e receando as consequencias do seu crime involuntario, carrega o cadaver sobre o macho, e ajudado do escuro e ermo da noite, vae lançal-o juncto a uma capellinha d'almas remota do moinho. Ahi o acharam na madrugada. A justiça fez as suas diligencias; alguns indicios lhe denunciaram o verdadeiro auctor do homicidio que foi preso assim como sua mulher. Ambos confessaram (segundo nos escreve o Sr. J. J. de C.), tudo o que deixamos narrado, com uma candura que deixa esperar que a sua sentença deve sair misericordiosa.

A VIUVA DE UM HOMEM DISTINCTO

2652 VESPERA de dia de Reis foi dada á terra na egreja de N. S. da Graça da cidade do Porto, a Sr.^a D. *Anna Benedicta Gomes*, viuva do nosso poeta João Baptista Gomes, auctor da *Nova Castro*, e traductor do *Fayel*, dos *Machabeos*, e da *Misanthropia e Arrependimento*, Enviuvára aos 24 annos de sua idade, ficando-lhe d'elle uma filha, que veio a cazar com o Sr. João Machado de Abreu, lente na Universidade de Coimbra. Acabou de 66 annos; e fôra em sua mocidade uma das mais citadas formosuras d'aquella terra.

TRÁFEGO DRAMATICO EM PARÍS E EM LISBOA — 1843.

2653 O NUMERO total das peças novas representadas nos treze principaes theatros de Paris, no proximo findo anno de 1843, sóbe a cento e setenta e oito, segundo o que havemos colhido de alguns jornaes d'aquella grande capital.

No theatro-lyrico-francez, denominado em França *academia-real-de-musica*, e vulgarmente *grande-opera*, ou simplesmente *opera*, representaram-se tres: no principal theatro de declamação, chamado por excellencia o *theatro-francez*, oito: no theatro de *opera-comica*, considerado como o terceiro theatro de França, sete: no theatro do *Odéon*, hoje subsidiado e condecorado com o titulo de *segundo-theatro-francez*, vinte e sete: no theatro-lyrico-italiano, cinco: no theatro de *Vau-deville*, vinte e quatro: no theatro chamado *Variétés*, vinte e quatro: no *Gymnase*, vinte e quatro: no *Palais-royal*, vinte e uma: no da *Porte-Saint-Martin*, nove: no da *Gaité*, tres: no *Ambigu-comique*, nove: e, finalmente, no *Circo-olympico*, quatro.

Todas estas peças são composição de cento e setenta oito poetas, e treze compositores de musica.

Para nós estarmos a par d'este tráfego dramatico, deveriamos apresentar treze poetas dramaticos, e um compositor. Ora não obstante o que Hyppolito Lucas escreveu o anno passado n'um folhetim do *Siècle*, mal e impudentemente informado, a nossa esterilidade em auctores dramaticos não é tamanha como elle disse, nem como geralmente se julga, nem tambem como parece. A statistica é a sciencia dos factos, e para averiguar a verdade e avaliar as coisas positivas, nada ha mais importante que o exacto conhecimento dos factos. Em 1843, contâmos nós oito auctores dra-

máticos, cujas produções se podem mencionar sem vergonha nacional. O Sr. *Garrett* apresentou ao Conservatorio o seu *Fr. Luiz de Sousa*; vimos no theatro da rua dos Condes o *Castello de Faria* do Sr. *Cascaes*, as *Duas Filhas*, do Sr. *Pereira da Cunha*, e a *Maria d'Alencastro*, do Sr. *Mendes Leal*; o Conservatorio approvou duas peças — a *Maria Telles*, que se diz ser do Sr. *Corvo*, e a *Rainha e a Aventureira*, que se diz ser do Sr. *Lacerda*; além d'estas, o theatro do Salitre deu-nos a *Duqueza de Bragança*, que depois de mais maduramente pensada por seu auctor, será um drama de merecimento: e ha mais uma composição do Sr. *Herculano*, que abaixo mencionaremos. Na parte musica estamos superiores á França; alguns dos seus treze compositores em 1843 são allemães e italianos, e nós em vez de um compositor, que é o que em Portugal corresponderia aos treze de França, apresentamos dois, e ambos portuguezes: queremos fallar do Sr. *Manuel Innocencio* que concluiu uma partitura que esperamos ouvir brevemente em S. Carlos, e do Sr. *Miró*, que tem posto em musica um *libretto* em portuguez do Sr. *Herculano*, para se cantar dentro em pouco n'uma das philarmonicas d'esta cidade.

Já se vê pois que o anno findo foi entre nós muito prospero, pelo lado intellectual, na parte dramatica. Talvez n'outro numero d'este jornal façamos a este respeito algumas reflexões.

Silva Leal.

THEATRO DE S. CARLOS.

BENEFICIO DE MADAME ROSSI.

2654 A noite de 29 do passado ficou memoravel nos fastos do nosso theatro italiano. Foi o beneficio de Madame Rossi — a sublime artista, tão predilecta do publico como acreedora de o ser.

Deu-se a *Somnambula*, que Madame Rossi canta com tanta delicadeza como bom-gosto. A novidade da noite foi a aria do *Domino-noir*, cantada com a maior expressão e nitidez, e summa graça de gestos; e o spectaculo, depois do 2.º acto da *Gisella*, concluiu com o *rondó da Anna Bolena*, — esse excellente trecho onde Madame Rossi não pôde ser excedida e mui difficilmente será egualada.

Apenas a *beneficiada* appareceu em scena foi saudada com os mais espontaneos, geraes, estrondosos e prolongados applausos, que é possível darem-se. Madame Rossi, grata, a ponto de commover-se, agradecia com certo mimo que muito contribuiu para a duração d'um enthusiasmo que lhe era votado por mais de mil e septeccentos espectadores. As grinaldas, poesias, ramalhetes, flores, e pombos enfeitados de fitas appareciam de todos os lados. O retrato de Madame Rossi aprimoradamente executado pelo Sr. *Guglielmi*, era acollido por todos com grande avidéz; e no fim os espectadores transportados d'enthusiasmo agitavam os seus lenços victoriando clamorosamente a grande cantora. Foi um triumpho completo: — a gloria d'um artista em todo o seu esplendor. Que nos digam os que menospresam a arte, e quem assim a exerce, que ha ahí, a não ser o amor da patria, que seja capaz de produzir tanto ardor d'alma, e levar um publico inteiro apóz si?

Entre as poesias vimos algumas de bastante merito, havendo muito que louvar em uma ode italiana escripta, como outra franceza, por um distincto patrioio nosso.

Sua Magestade quiz honrar tambem a arte na pessoa da insigne artista nomeando-a cantora da sua real camara. — E' um digno galardão que ennobreceu o merito, e quem soube reconhecê-lo.

Modernamente não ha exemplo de tamanha affluencia, nem de semelhante enthusiasmo, no theatro. — Foi uma dívida ao talento de que o publico se quiz desobrigar tão dignamente como elle o merecia.

Silva Leal.

ENSINO DADO POR UM SALOIO A UM ALFACINHA.

2655 ANTONIA é uma guapa lavandeira, cujo tugurio no meio de uma horta cultivada por seu marido, convizinha com o ribeiro do seu tráfego. Cazada haverá cinco mezes apenas, tem um paraizo terreal n'aquelle pequeno espaço; em caza tem os seus amores ainda no primeiro viço, que beatificam o seu coração de vinte e dois annos. A' sombra movediça d'aquellas arvores, que toldam as aguas tão conhecidas da sua infancia, tem a amizade, e a alegria e, matizado com a conversação de suas companheiras, o trabalho, que juncto á economia lhe deixa interver na mão fechada do destino grandes arrecadas e cordão de oiro, para dardejear invejas a muitos olhos. E' linda, não só por lindeza e mocidade senão tambem por saude e contentamento: quem a encontrar quando vae da sua porta para o seu estendal adivinhal-o-ha á primeira vista; e melhor ainda o adivinhará se a vir quando se recolhe: é como um passaro que incéta a vida e esvoaça cantando sempre entre a várzea, onde se regala, e o ninho, que foi seu berço e poderá vir a ser o de seus filhos. Na semana de Antonia ha um só dia triste, mas esse tão triste, que já de vespera a entristece; — é o sabbado; — então é constrangida a voltar costas ao seu Eden para vir entregar á immunda cidade as suas roupas, que ella lhe tornou candidas como os seus braços ou como os seus costumes. N'uma d'estas vindas, Antonia fez uma conquista, já se sabe, sem o querer. O filho de uma fregueza sua, mancebo gastado de delicias e velho aos 25 annos, espartilhado, frisado, almiscarado, e cujo maior mérito era não possuir especie alguma de espirito, que o tornasse mui perigoso, viu-a, e se não pôde dizer como o pastor de Virgilio: —

Ut vidi, ut perii, ut me malus abstulit error: foi unicamente porque não sabia latim: mas em compensação lia novellas francezas, e estava pouco mais ou menos bacharel na sciencia de George Sand; — sobre o ridiculo de respeitar os laços conjugaes, já elle lia de cadeira; o restante, até o panegyrico da vida das galés, havia de vir com o tempo. Fex a sua declaração verbal com aquelle ar de afoiteza, que não podiam deixar de inspirar-lhe o catalogo das suas namoradas que trazia na algibeira, e o seu par de luvas brancas; — foi repellido, com desprezo; ajunctou promessas, tornou a sel-o com horror: — recorreu ás lisonjas assucaradas, *ultima ratio colorum*, e foi-o ainda com escarneo: — o escarneo era o mais intoleravel para quem se considerava artifice muito primo n'este genero: — protestou vingar-se. Appellou para a perseverança como Jacob, e esperou tudo da compaixão.

O dia de lavandeira, que é para a maior parte dos homens o mais despoetizador e repulsivo da caza, ficou sendo para elle o de mais invencivel attracção.

Girava em roda d'aquellas trouxas com um ar tão dramatico de tristeza, que só um coração, mais duro que a pedra de bater, poderia resistir-lhe. Quando entendeu que a scena muda, repetida já tres ou quatro vezes, devia ter produzido o seu effeito, um dia acompanhando a sua nayade até á porta da rua, ousou ahí detel-a respeitosa: Antonia olhou para elle: — elle olhou para as botas de Antonia e suspirou: Antonia sorriu; elle enxugou com um lenço os olhos que estavam enxutos. Antonia lhe perguntou — «que pretendia» — Elle desabando em terra de joelhos, respondeu — «que morrer: morrer, se ella não consentia uma, uma só vez em escutal-o: que elle a adorava e não queria offendel-a, mas só desafogar uma paixão, que lentamente o conduzia á bordas do tumulo» (stylo de novellas traduzidas de que trazia duas nos bolsos falsos do seu albornós de seda.) — Antonia, muda alguns momentos, parecia hesitar entre o dever e o amor, ou entre o amor virtuoso e a vaidade. O nosso *Antony* aproveitou o lanço, beijou-lhe a mão, desatinou (d'esta vez intencionalmente) em tudo o que lhe disse; e concluiu promettendo mudar-se para ella em chuva de oiro: venceu: Antonia lhe aprazou dia e hora para o supirado colloquio na sua choupana; dia e hora em que seu marido se acharia em Mafra onde havia de pernoitar.

Alindado, aromatisado, e o mais conscienciosamente conforme ao padrão normal do caçador parisiense, o nosso Adonis, contente como uma divindade pagã, procurou a pé e pontual o sitio dado. Entrou; a mão de Antonia antes de lhe dar tempo, a que tornasse a beijal-a; já tinha fechado a porta e mettido a chave na algibeira. Ia ser interessante a scena entre a divindade pagã e a napéa; mas antes de começar, seguiu-se-lhe logo segunda, saindo da porta da alcôva terceiro nume, campestre e robusto com Sylvano, e, como, elle armado de um bordão, que, se se decidisse em carregar de cajadadas como outróra carregára de marmelos, era para desfazer a meio Olympo: este deus saído de entre as nuvens de chita do quarto e apparecido no lance precisamente determinado por Horacio para taes appareições, não produziu com tudo senão metade do seu effeito, porque, ao mesmo tempo que o terror senhoreava do modo mais visível ao desafortunado galã, a dama o contemplava tão senhora de si, como se estivesse na circumstancia mais ordinaria e corrente de toda vida.

A mulher e o marido porque já havereis adivinhado que era o marido, assentaram-se deixando em pé o convidado, verdadeiramente de pedra, que não achava nas suas novellas eloquencia capaz de desfazer aquelle bordão, que era então o centro de movimento de todas suas idéas: o desesperado da sua situação, anniquillou-lhe até ao minimo vestigio dos seus recursos intellectuaes. Qual não foi porém o seu assombro quando viu, que, emvez de se occuparem com elle, conversavam com a maior intimidade nos arranjos de sua caza e nos preparativos da cêa, para a qual estavam já previnidas e sobre a meza duas garrafas do vinho do termo. — « Bem — lhe dizia o coração tartamaleando, — depois da cêa, é que hei de ser moido ou esfaqueado. »

Eram oito horas da noite, quando os viu pôr-se á meza, festejando e comendo com alegria, o que se não encontra todos os dias debaixo da telha vã, bom

arroz de gallinha e excellente carne de porco frita com batatas; tudo competentemente regado com frequentes libações pelo homem do bordão, que já n'esse tempo o tinha arrumado para um canto, como arma desnecessaria. — « Máu, — dizia o triste com os seus botões — é com as facas da meza que hei-de ser amanhado. »

Concluida a cêa e vendo-os levantar-se, um novo calafrio lhe percorreu todos os membros: o instante approximava-se — e approximava-se na verdade. — O marido, que até ahí olhára tanto para elle, como poderia olhar para um painel de exposição, encarou-o lito com um sorriso, que resumia toda uma vingança de Victor Hugo; tirou de uma gavêta umas cordas; e pediu-lhe as mãos para lh'as amarrar: — foi então que se abriram as cataractas das supplicas e satisfações, — « morte, não! ; morte, não! ; morte, não! » O saloio, sem lhe dar mais resposta do que intimar-lhe silencio, — silencio profundo e completo — passou-lhe das mãos aos pés, que igualmente lhe amarrou, por modo, que só outra divindade de Horacio lhe poderia valer

..... Deus intersit, si dignus vindice nodus

Inciderit.....

Tendo-o assim impossibilitado para qualquer movimento, deitou-o para baixo da sua cama, esquecendo-se d'elle como de um traste inutil. Encommendaram-se a Deus; despiram-se e deitaram-se, não se lembrando mais em toda a noite do seu visinho debaixo.

Já o sol nado lançava por entre as telhas algumas fitas de oiro para as paredes interiores, quando acordaram, os de cima se intende, — beijaram-se, fizeram o signal da cruz e vestiram-se. Então o hóspede foi puxado para fóra, desamarrado e convidado para almoçar com gestos e palavras de tanta franqueza, que, ainda podendo regeitar o offerecimento, o não faria. O almoço foi tambem de garfo acompanhado de vinho. A dama fez as honras da caza com a maior polidez que soube, ainda que provavelmente um pouco envergonhada da esparréla, em que fizera cair ao seu adorador, cuja cara estreitada excitava realmente compaixão.

« Ora, meu Sr. — disse por fim o nosso hortelão — V. S.^a quiz honrar esta choupana, e nós fizemos quanto nos foi possível, para o hospedarmos com decencia. A cêa, que V. S.^a não quiz comer, importou em meia moeda, e o almoço n'outra meia: a cama não lh'a metto em rol, porque, a fallar a verdade, não foi boa: — mas ; que remedio? n'esta caza não ha senão uma, e essa não a cedo eu a ninguem: o mais que podia fazer, era dar-lhe como lhe dei aquelle vão, onde creio não teria tanto frio como se dormira na sala térrea. »

Pago exactamente o escôte, o nosso gamênho se retirou depois de um — passem muito bem — sumidissimo, e respondido por um — vá agora contar aos de Lisboa — e uma risada.

Não foi todavia elle quem zos de Lisboa o contou. De uma pessoa, que a ouviu da bocca do proprio marido, recebemos esta relação, em que pouco mais supprimimos que os nomes de sitios e pessoas, mas em que nada accrescentamos.

E' um capitulo para os fastos dos peralvilhos: se fosse ha trinta annos convertia-se logo isto na historia de um frade: hoje, não têm remedio os seculares, senão carregar com a gloria das suas boas obras.